


RESSALVA

Atendendo solicitação do autor, o texto completo desta dissertação será disponibilizado somente a partir de 26/05/2024.

unesp  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

DISCURSO SOBRE A JOVEM NEGRA NA
REVISTA *CAPRICH*O: uma análise dialógica



ARARAQUARA – S.P.
2023

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

**DISCURSO SOBRE A JOVEM NEGRA NA
REVISTA *CAPRICH*O: uma análise dialógica**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientadora: Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.
2023

S586d Silva, Gabriela Cristina da
Discurso sobre a jovem negra na revista Capricho : uma análise dialógica / Gabriela Cristina da Silva. -- Araraquara, 2023
146 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Marina Célia Mendonça

1. Análise linguística. 2. Diálogo. 3. Análise do discurso. 4. Negros identidade racial. 5. Racismo na linguagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

DISCURSO SOBRE A JOVEM NEGRA NA REVISTA *CAPRICHÔ*: uma análise dialógica

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e funcionamento discursivos e textuais.
Orientador: Marina Célia Mendonça

Data da defesa: 26/05/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professora Doutora Marina Célia Mendonça
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Membro Titular: Professora Doutora Heloisa Mara Mendes.
Universidade Federal de Uberlândia.

Membro Titular: Professora Doutora Glenda Cristina Valim de Melo.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

“Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas.
A Ele seja a glória para sempre!
Amém.”

Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, o Autor e Criador de todas as coisas, sem o qual não teria sido possível completar essa árdua jornada. A Ele toda glória e toda honra!

Aos meus pais, Denise e Gerson, os quais sempre me deram todo o apoio necessário, desde a Graduação, e sempre nos incentivaram a ocupar espaços que eles não ocuparam e a ir além do que eles foram, por todo amor, carinho e compreensão.

Ao João e à Vida, que me inspiram a ser uma versão melhor de mim mesma e que são minhas pessoas favoritas na Terra.

Aos meus melhores amigos, Julia, Jhenifer, Marina, Talita, Isabela, Saulo e Thayna; alguns conheci na adolescência e outros, na fase adulta, e uma das minhas maiores certezas é a de que pretendo tê-los comigo a vida toda.

Aos meus irmãos em Cristo, que são muitos – por isso, citar todos aqui seria uma tarefa quase impossível e um tanto injusta, já que eu poderia me esquecer de alguém -, por todas as orações e por terem sido meu suporte, com muito carinho e amor.

À Manu, à Verônica e à Paula, presentes que Araraquara me deu e que estiveram comigo lá no comecinho, na Graduação, o Mestrado ainda era uma realidade distante.

À Maria Clara e à Daiane, por terem tornado a Pós-Graduação menos solitária.

À minha orientadora, Marina, por ter acreditado em mim e em meu projeto, mesmo quando eu não acreditava. Inspiro-me em todos os grandes mestres que passaram em minha vida e, por isso, espero ser uma pesquisadora e professora tão brilhante e graciosa como ela é!

A todos que, de alguma forma, já contribuíram com este trabalho: Luciane, Heloísa, Glenda, Renata, Luiza, entre tantos outros.

À UNESP, que se tornou meu segundo lar nos últimos anos, deixá-la é sempre uma tarefa difícil; então espero conseguir voltar em breve.

Aos professores que foram parte fundamental da minha formação.

Aos colegas e queridos amigos que fiz na Graduação e na Pós-Graduação, mais uma vez, citá-los seria impossível.

Por fim, mas não menos importantes, a todos aqueles que, antes de mim, lutaram para que pessoas como eu pudessem ocupar espaços que não nos pertenciam.

Brown skin girl
Your skin just like pearls
The best thing in the world
Never trade you for anybody else
Singin' brown skin girl
Your skin just like pearls
The best thing in the world
I never trade you for anybody else, singin'
Bro
[...]
Oh, have you looked in the mirror lately? (lately)
Wish you could trade eyes with me ('cause)
There's complexities in complexion
But your skin, it glow like diamonds
Dig me like the earth, you be giving birth
Took everything in life, baby, know your worth
I love everything about you, from your nappy curls
To every single curve, your body natural
Same skin that was broken be the same skin takin' over
Most things out of focus, view
But when you're in the room, they notice you (notice you)
'Cause you're beautiful
Yeah, you're beautiful

Beyoncé (2019)

RESUMO

Este trabalho analisa dialogicamente a construção da identidade da jovem negra nos números impressos e no *site* da *Capricho*. Para tanto, o *corpus* desta pesquisa qualitativa é composto por enunciados selecionados nas revistas impressas entre os anos de 2012 a 2014 e em seu *site*, de 2012 a 2022, totalizando dez anos. As questões que norteiam nosso trabalho são: *se e como* a *Capricho*, no período estipulado, incorpora temáticas raciais em seu discurso, sobretudo no que diz respeito ao modo como a negritude e aspectos a ela relacionados são abordados? De que modo a revista considera o seu destinatário ao longo desses anos? Por isso, são centrais as questões de representatividade, especificamente na forma que são abordados aspectos físicos da jovem negra; quais são os termos utilizados para fazer referência a ela; se há a presença de articulistas negras nos veículos analisados e de pessoas negras nas fotos e matérias da revista. O objetivo geral da pesquisa é analisar o discurso sobre a jovem negra e se, ao longo de dez anos, na revista *Capricho*, impressa entre 2012 e 2014, e em sua plataforma digital, até 2022, houve mudança nesse discurso e, havendo, como ela acontece. Os objetivos específicos são: a) analisar, no *corpus*, se ocorre e como ocorre a alteração na construção do interlocutor pressuposto; b) analisar a construção da identidade da jovem negra no *corpus* por meio de termos/expressões que fazem referências às suas características físicas; fotos e edição de matérias (disposição na página e cores utilizadas, por exemplo) de aspectos relacionados à beleza e ao comportamento desse grupo. Como um estudo qualitativo-interpretativo, feito por meio do cotejo entre os enunciados, este trabalho baseia-se na perspectiva discursiva de Bakhtin e do Círculo, especialmente nas noções de signo ideológico, no signo ideológico e no enunciado concreto; e baseia-se também nos estudos sobre as questões raciais – tendo ponto de partida que o racismo é estrutural e que, por isso, influencia o modo como o negro e a negritude são tratados nas esferas de atividades humanas. Como resultado, ao compararmos as revistas impressas e o *site*, notamos uma alteração ambivalente tanto da construção da identidade da jovem negra quanto da imagem do interlocutor, o que é visto nas temáticas relacionadas à beleza e na forma como aspectos sociais são abordados nesses dois momentos do *corpus*, por exemplo.

Palavras-chave: *Capricho*, jovem negra; representatividade; relações dialógicas.

ABSTRACT

This work dialogically analyzes the construction of the young black woman's identity in printed issues and on Capricho's website. Therefore, the corpus of this qualitative research is composed of statements selected from printed magazines between 2012 to 2014 and on its website, from 2012 to 2022, totaling ten years. The questions that guide our work are: if and how Capricho, in the stipulated period, incorporates racial themes in its discourse, especially concerning the way blackness and aspects related to it are discussed; and how does the magazine consider its recipient over these years? For this reason, issues of representativeness are central, specifically in the way in which physical aspects of the young black woman are considered; what terms are used to refer to it; if there is the presence of black writers in the analyzed ones and black people in the photos and articles in the magazine. The general objective of the research is to analyze the discourse about young black women and whether, over ten years, in Capricho magazine, printed between 2012 and 2014, and on its digital platform, until 2022, there was a change in this discourse and, if so, how it happens. The specific objectives are: a) to analyze, in the corpus, if and how the alteration in the interlocutor's construction occurs and how it occurs; b) to analyze the construction of the young black woman's identity in the corpus through terms/expressions that refer to her physical characteristics; photos and editing of articles (disposition on the page and colors used, for example) of aspects related to the beauty and behavior of this group. As a qualitative-interpretative study, carried out by comparing the statements, this work is based on the discursive perspective of Bakhtin and the Circle, especially on the notions of ideological sign, ideological sign, and concrete statement; and it is also based on studies on racial issues – taking as a starting point that racism is structural and that, therefore, influences the way black people and blackness are treated in the spheres of human activities. As a result, when comparing the printed magazines and the website, we noticed an ambivalent alteration both in the construction of the identity of the young black man and in the image of the interlocutor, which is seen in the themes related to beauty and in the way social aspects are approached in these two moments. of the corpus, for example.

Keywords: *Capricho*. Young black woman; representation; dialogical relations.

LISTA DE FOTOS

Figura 1	Charge feita por Mark Knight, cartunista australiano	55
Figura 2	Capa da primeira edição da revista <i>Capricho</i>	62
Figura 3	Capa da edição 629, da revista <i>Capricho</i>	63
Figura 4	Capas das revistas impressas que constituem o <i>corpus</i>	66
Figura 5	Reprodução da matéria “ <i>Blush vale-tudo</i> ”, da edição impressa 1178, de 30 de junho de 2013	69
Figura 6	Reprodução da matéria “ <i>Vai virar moda</i> ”, da edição impressa 1165, de 30 dezembro de 2012	70
Figura 7	Reprodução da matéria <i>Olho escândalo</i> ”, da edição impressa 1179, de 14 de julho de 2013	71
Figura 8	Reprodução da matéria <i>Use no inverno</i> ”, da edição impressa 1171, de 24 de março de 2013	72
Figura 9	Reprodução da matéria “ <i>Escolha seu nude</i> ”, da edição impressa 1181, de 11 de agosto de 2013	73
Figura 10	Reprodução da matéria “ <i>Raul Melo: o consultor criativo e maquiador da ‘Quem Disse, Berenice?’ entrega seus truques</i> ”, retirada da revista <i>Capricho</i> .	74
Figura 11	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	77
Figura 12	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	77
Figura 13	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	78
Figura 14	Reprodução de montagem de fotos de Thelma Assis	80
Figura 15	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	83
Figura 16	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	83
Figura 17	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	84
Figura 18	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do <i>site</i> da <i>Capricho</i>	84

Figura 19	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	86
Figura 20	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	87
Figura 21	Reprodução da matéria “ <i>Seu cabelo vai fazer você brilhar</i> ”, retirada da edição impressa 1145	90
Figura 22	Reprodução da matéria “ <i>Seu cabelo vai fazer você brilhar</i> ”, retirada da edição impressa 1145	91
Figura 23	Reprodução da matéria “ <i>Recupere seu cabelo</i> ”, retirada da edição impressa 1192 da <i>Capricho</i>	95
Figura 24	Reprodução da matéria “ <i>Recupere seu cabelo</i> ”, retirada da edição impressa 1192 da <i>Capricho</i>	96
Figura 25	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	99
Figura 26	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	100
Figura 27	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	101
Figura 28	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	102
Figura 29	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	102
Figura 30	Reprodução da matéria “ <i>Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	104
Figura 31	Reprodução da matéria “ <i>Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	105
Figura 32	Reprodução da matéria “ <i>Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	106
Figura 33	Print da página inicial do site da <i>Capricho</i> , do dia 29 de outubro de 2022	109
Figura 34	Reprodução da matéria “ <i>Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas</i> ”, da edição impressa 1178	111
Figura 35	Print da página inicial do site da <i>Capricho</i>	113
Figura 36	Print da página inicial do site da <i>Capricho</i>	116

Figura 37	<i>Print da página inicial do site da Capricho</i>	117
Figura 38	<i>Print da página inicial do site da Capricho</i>	118
Figura 39	Reprodução da matéria “ <i>A incrível história da garota que vive em comunidade quilombola</i> ”, da edição impressa 1145 da <i>Capricho</i>	120
Figura 40	Reprodução da matéria “ <i>Morar no morro não me impediu de sonhar</i> ”, da edição impressa 1165 da <i>Capricho</i>	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Aparição de jovens negras nas revistas impressas: temáticas moda e beleza	67
------------------	---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A PERSPECTIVA DISCURSIVA DE BAKHTIN E O CÍRCULO	20
2.1 O enunciado concreto	22
2.2 Signo ideológico	32
2.3 Aspectos teóricos-metodológicos	38
3 RACISMO, MÍDIA E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	41
3.1 Racismo e a raça como consequências da construção social	41
3.1.2 Racismo estrutural	46
3.1.3 Racismo e representação	47
3.1.4 Racismo, o negro e a mídia	50
3.1.4.1 Mulher negra na mídia	54
3.2 Políticas públicas raciais	57
4 DISCURSOS SOBRE A JOVEM NEGRA NA <i>CAPRICHÔ</i>: REVISTA IMPRESSA E <i>SITE</i> EM RELAÇÃO DIALÓGICA	62
4.1 Maquiagem, pele e cabelo na revista impressa e no <i>site</i> da <i>CAPRICHÔ</i>: ambivalência da representação da jovem negra	67
4.2 Interlocutor da <i>CAPRICHÔ</i>: estabilidades e instabilidades	109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO

Uma das ideias fundadoras do Círculo de Bakhtin é que os enunciados são dialógicos e possuem um contorno social e histórico, ou seja, para o grupo de filósofos, os enunciados não são puros, mas são atravessados pelo contexto em que foram produzidos. Por isso, é possível afirmar que as mudanças históricas, as quais influenciam e determinam a dinâmica social e cultural de uma comunidade, permeiam diversos aspectos da vida humana, sejam eles coletivos ou individuais, especialmente no que diz respeito à língua, ao modo como ela é utilizada e aos enunciados que são emitidos, pois esses acompanham e se desenvolvem conforme a vida social (VOLÓCHINOV, 2019).

Nesse sentido, a partir da perspectiva do Círculo, ao considerarmos a intrínseca relação entre o contexto sócio-histórico e o discurso, podemos analisar a influência que o racismo estrutural exerce sobre as produções discursivas no Brasil. O racismo é parte constituinte da estrutura social, o que significa que ele se manifesta em todos os âmbitos sociais e dita como se darão as relações existentes em cada um deles. Portanto, negá-lo é incoerente e irresponsável, pois afeta direta e indiretamente um pouco mais da metade da população brasileira, composta por aproximadamente 56% de pessoas negras, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (TOTAL...2022).

Aliás, não faltam dados que escancarem o racismo no Brasil. Um exemplo alarmante é o da violência. A edição de 2021 do Atlas da Violência, feita pelo Instituto de Pesquisa e Economia (IPEA), mostra que a violência contra pessoas negras é um problema antigo e que está longe de ser resolvido. De acordo com o documento, em 2019, os negros representaram 77% das vítimas de homicídios e, ainda, em relação aos não negros, os negros têm 2,6 vezes mais chances de serem vítimas de assassinatos. Em relação a mulheres negras, esse índice também é elevado, quando comparado ao de mulheres não negras: aquelas correspondem a 66% do total de mulheres assassinadas no Brasil. Esses números contrastam com o fato de que a redução dos homicídios se concentrou principalmente entre a população não negra, com uma queda de 30%; já na população negra, a redução foi de apenas 15% (BRASIL, 2021). De acordo com o documento, as causas para essa desigualdade racial gritante são três: a primeira delas é consequência dos aspectos socioeconômicos e demográficos, que conferem a essa parcela da população maior vulnerabilidade e dificultam o acesso a melhores condições de vida; a segunda é a injustiça cometida pelas instituições do sistema de justiça, que se baseiam em critérios raciais para a execução de estratégias de policiamento cujos alvos geralmente são

pessoas negras; por fim, a terceira causa é a falta de políticas públicas efetivas (BRASIL, 2021).

Essas situações de vulnerabilidade e a dificuldade de acesso a serviços básicos são resultados de um longo processo histórico, pois tiveram início antes mesmo de os portugueses chegarem ao Brasil, no momento em que os africanos escravizados - desprovidos de qualquer dignidade - eram colocados nos navios negreiros, e foram intensificadas com a abolição da escravatura, já que, apesar de contraditório, depois que a prática teoricamente se tornou ilegal, não houve nenhuma diferença real nas condições de vida para os “ex-escravos”. A suposta liberdade, portanto, foi apenas uma fachada, porque as situações subumanas às quais estavam sujeitos continuaram, tornando-se enraizadas na sociedade.

É nesse contexto, tomado e construído a partir de uma ótica racista, que se dão as atividades humanas nas esferas sociais no Brasil. Consequentemente, os enunciados nelas produzidos são atravessados por ecos racistas; e as peças publicitárias, midiáticas, culturais que circulam socialmente, por exemplo, desse contexto, muitas vezes, são responsáveis por reafirmá-los e propagá-los. Desse modo, o corpo negro ainda é continuamente marginalizado e destituído de dignidade, pois isso é visto, historicamente, como natural. Um dos reflexos disso é que a negritude e tudo a ela relacionado, nesses meios, também são afetados por uma ótica racista.

Entretanto, há, em tal cenário descrito, a insurgência de discursos antirracistas, como forma de oposição ao racismo estrutural, que são potencializados pelo movimento negro, principalmente. Soma-se a isso o advento das redes sociais que, com a sua intensa troca de informação, promove um maior alcance dessas discussões e permite que nós, enquanto mulheres e homens negros, tenhamos nossas vozes ampliadas. A noção de representatividade, então, ganha força e aponta para a necessidade de que a nossa história e a nossa identidade sejam valorizadas e incorporadas nos diversos âmbitos sociais.

Percebemos, pois, um embate ideológico entre essas duas forças opostas: de um lado, há a disseminação do racismo estrutural e, de outro, há a atuação de movimentos antirracistas. É na língua, tal qual afirma o Círculo, enquanto signo ideológico por excelência, que esse embate se manifestará. Esse breve panorama, aprofundado nos capítulos subsequentes, serve como plano de fundo para compreendermos a conjuntura em que a revista *Capricho*, objeto de estudo deste trabalho, está. A revista, pertencente à Editora Abril, foi publicada pela primeira vez em 1952 e, ao longo de seus 71 anos, passou por alterações tanto em seu formato quanto em seu conteúdo, a fim de se adequar ao contexto histórico-social em que estava inserida e, consequentemente, atender às demandas mercadológicas da época. Desse modo, como um

exemplo dessas alterações, há o fato de que, em 2014, deixou de ser impressa para ser veiculada somente por plataformas digitais, as quais passaram a ter mais relevância do que os meios impressos de comunicação.

Assim, considerando as pautas raciais e os estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, este trabalho analisa dialogicamente a construção da identidade da jovem negra na revista *Capricho*. O *corpus* desta pesquisa é composto por enunciados selecionados nas revistas impressas entre os anos de 2012 a 2014 e nas matérias retiradas do site da *Capricho* entre os anos de 2012 (ano escolhido por coincidir com a data das revistas impressas) a 2022, totalizando 10 anos de *Capricho*. Aqui, partimos das seguintes questões: a revista, durante esse período, de alguma forma, incorpora essas temáticas raciais em seu discurso, sobretudo no que diz respeito ao modo como a negritude e aspectos a ela relacionados são abordados? de que modo a revista considera o destinatário ao longo desses anos? Para isso, investigamos as questões de representatividade, especificamente na forma que são abordados os aspectos físicos e histórico-culturais da jovem negra, quais são os termos utilizados para fazer referência a ela, se há a presença de articulistas negras nos veículos analisados e de pessoas negras nas fotos e matérias da revista.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso sobre a jovem negra e se, ao longo de 10 anos, na revista *Capricho*, impressa entre 2012 e 2014, e em sua plataforma digital, até 2022, houve mudança nesse discurso e, havendo, como ela se dá. Como objetivos específicos, temos:

- a) Analisar, no *corpus*, se ocorre e como ocorre a alteração na construção do interlocutor pressuposto.
- b) Analisar a construção da identidade da jovem negra no *corpus* por meio de termos/expressões que fazem referência às suas características físicas; fotos e edição de matérias (disposição na página e cores utilizadas, por exemplo) de aspectos relacionados à beleza e ao comportamento desse grupo.

Este estudo tem caráter qualitativo, já que as análises dos dados se dão a partir da interpretação do que foi encontrado no *corpus* da pesquisa - o qual é formado por vinte e três números impressos da *Capricho* e por matérias retiradas da revista eletrônica. Como um estudo qualitativo-interpretativo, feito por meio do cotejo entre os enunciados, este trabalho baseia-se em dois estudos bibliográficos. O primeiro, já mencionado anteriormente, é um sobre a perspectiva discursiva do Círculo de Bakhtin, cujos conceitos mobilizados foram as relações dialógicas dos enunciados, o signo ideológico e o enunciado concreto. O segundo é sobre as questões raciais no Brasil, partindo do fato de que o racismo é estrutural, ou seja, está

na estrutura da sociedade e todas as instituições que a ela pertencem apenas reproduzem esse racismo. Nesse estudo, recuperamos brevemente a história do Brasil, especialmente o período escravocrata, pois as relações raciais atuais são frutos da construção social e histórica do país.

Por causa de sua grande circulação e relevância social, principalmente na primeira década dos anos 2000, diversos trabalhos foram desenvolvidos sobre a *Capricho*, a partir de inúmeras perspectivas teóricas e áreas. A título de exemplo, com base nos estudos do Círculo de Bakhtin, tem-se Silva e Símaro (2007), que analisam as mudanças discursivas em sete exemplares impressos da revista *Capricho*, publicados entre os anos de 1987 e 2007; Biajoti (2016) analisa os enunciados verbais e não verbais da revista impressa e propõe uma reflexão sobre as vozes dos leitores nas matérias da *Capricho*; e Ferreira (2015, 2015) que discute a construção da imagem do público leitor, nas edições de 2013, através das marcas deixadas na materialidade do texto, na seção *Terapia em Grupo*. Já na área da comunicação, Chassot (2006) estuda as relações existentes entre o projeto editorial e o gráfico da revista *Capricho*, utilizando números publicados entre 1995 e 2005. Na perspectiva da semiótica francesa, temos Gurgel (2010), que, por causa das mudanças gráficas e editoriais da *Capricho*, analisa se a alteração da idade do público-alvo corresponde à mudança no perfil do enunciatário da revista. Goellnerl e Figueira (2002) discutem, fundamentadas nos Estudos Culturais e na História do Corpo, a forma como o corpo feminino e a identidade de gênero feminino são construídas e veiculadas pela *Capricho*. Na área da saúde, Niemeyer e Kruse (2008) analisam os discursos sobre o corpo adolescente na revista, os quais são, de acordo com as autoras, um artefato cultural que ajuda a produzir sujeitos anoréxicos; para tanto, elas utilizam como aporte teórico a Análise do Discurso associada ao pós-estruturalismo.

Esses são só alguns dos trabalhos desenvolvidos utilizando a *Capricho* como objeto de pesquisa. Muitos outros poderiam ser citados; contudo, apesar de numerosos, são poucos os estudos que utilizam a raça como recorte para olhar criticamente para a revista *Capricho*. Para nós, é necessário considerar o racismo - especialmente seu caráter estrutural - como um dos pilares da análise aqui desenvolvida porque é ele que dita como a identidade de parcela significativa da população (e conseqüentemente de parte do público leitor da *Capricho*) será construída. Isso justifica a relevância que este trabalho possui, ao promover reflexões sobre como o atual momento histórico brasileiro, em que a representatividade se faz necessária, reflete-se na mídia, em gêneros discursivos e suportes diferentes, haja vista que se espera que as produções de um contexto sociocultural específico passem a incorporar as mudanças sociais ocorridas. Aqui, damos destaque ao povo negro, sobretudo à jovem negra, que foi afetado pelo movimento histórico de exclusão e de minimização de sua identidade.

Assim, esta pesquisa se insere nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo principal é erradicação da pobreza, a proteção do meio ambiente e promoção de paz e prosperidade em todos os lugares. (ONU, 2015) Ao todo, são 17 objetivos; mas, a este trabalho, são relevantes os de número 5 e 10 que visam, respectivamente, à igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas e à redução das desigualdades dentro dos países; pois olhamos para forma como o racismo afeta a construção da imagem da jovem negra. Do quinto objetivo, damos destaque ao item 5.1, cuja intenção é “acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte”. Do décimo, ressaltamos os itens

10.2 Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra.

10.3 Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito.

10.4 Adotar políticas, especialmente fiscal, salarial e de proteção social, e alcançar progressivamente uma maior igualdade. (ONU, 2015)

De modo geral, dividimos este estudo em três partes: a primeira é voltada para o estudo bibliográfico das noções discursivas do Círculo de Bakhtin; a segunda, um estudo bibliográfico dedicado aos aspectos raciais no Brasil, e a terceira parte consiste na análise dos dados levantados no *corpus* da pesquisa e subdivide-se em dois eixos de análise: o da Beleza, em que analisamos a forma que aspectos como cabelo, maquiagem e pele são tratados pela *Capricho* e a forma que isso contribui para a construção da jovem negra; e o da Inclusão, em que discutimos a presença da jovem negra na *Capricho* e a alteração sofrida pelo destinatário da revista - impressa e virtual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos a representação da jovem negra na revista e no *site* da *Capricho*. Para isso, partimos das noções discursivas de Bakhtin e do Círculo e de estudiosos da área, segundo os quais as relações dialógicas são a base da teoria do grupo. É por meio desse intercâmbio de enunciações que se dá a forma mais natural de linguagem, já que a interação verbal é fruto da interação social; por isso, todo enunciado construído dirige-se a um determinado alguém, o qual pode ser imediato ou não, que está inserido em determinado contexto. Nessa perspectiva, a compreensão é sempre um ato dialógico, em que o falante tem um papel tão ativo quanto o do enunciador, o que garante que as relações dialógicas sejam constantes, pois o processo de compreensão e resposta são contínuos. Outro aspecto importante é que todos os enunciados são dialógicos, pois possuem ligações com os enunciados que já existiram e que ainda existirão. Assim, o enunciado concreto, enquanto um todo de sentido caracterizado por Bakhtin como um elo na cadeia discursiva, é sempre atravessado por ecos de outros enunciados, pois é sempre perpassado por outras atitudes enunciativas responsivas; por causa disso, é impossível afirmar, portanto, a existência de uma pureza discursiva. O enunciado concreto também deve ser analisado em sua totalidade, pois é composto igualmente pelo verbal e pelo não verbal, pois, juntos, eles constroem o sentido do enunciado.

Outra noção relevante para este trabalho foi a do signo ideológico, que também é fruto da interação social e é responsável por refleti-la e refratá-la. O signo só adquire valor na interação, ao se tornar a representação de algo e assumir uma coloração ideológica. Desse modo, qualquer corpo pode ter um caráter sígnico, basta apenas receber uma significação. Entretanto, é a palavra o signo ideológico por natureza, pois ela está em todos as esferas e campos sociais, podendo assumir qualquer valoração ideológica; ao passo que os outros signos pertencem a esferas específicas. Nos enunciados analisados das plataformas da *Capricho* sobre a temática da beleza, vimos, por exemplo, a ressignificação dos signos ideológicos *pele negra* e *cabelo crespo*, os quais, em um primeiro momento, tinham uma valoração ideológica negativa, pois eram vistos como inadequados; porém, em um segundo momento, esses signos são ressignificados e adquirem uma nova valoração ideológica, visto que passam a ser passíveis de beleza.

Essa movimentação é reflexo de como o racismo estrutural interfere na construção da identidade negra e na representação desse grupo e de suas características na mídia. Assim, os significados embutidos em *pele negra* e *cabelo crespo*, a princípio, refletem a realidade, ao

reafirmar os discursos racistas que marginalizam e inferiorizam os fenótipos negros, como o cabelo e a cor da pele. Isso é ainda mais fomentado pelo fato de que a indústria da moda e da beleza desconsideram esse grande público como parte de seus consumidores, o que impede que as demandas específicas desse grupo sejam atendidas. Entretanto, ao serem ressignificados, no *site*, esses signos mudam de valoração e atualizam a identidade, tornando-a menos racista. Mesmo que atrasadas, lentamente, essas alterações apontam para a necessidade de uma melhor representação da negritude na mídia e para a importância dos discursos antirracistas.

Neste trabalho, entendemos o racismo como algo que é parte da estrutura da sociedade, tornando-a, consecutivamente, racista, pois reproduz aquilo que está em seu cerne. Essas marcas estruturais são consequências dos anos de escravidão, as quais atravessam esferas da atividade humana; então, a marginalização do negro vai além da desigualdade social e ocorre também nas dimensões políticas, científicas e midiáticas – âmbito relevante para este trabalho -, como forma de preservar o poder e o controle dos grupos dominantes. Esse é um dos motivos pelos quais a imagem do negro é constantemente representada de forma estereotipada e marginalizada, o que culmina, por exemplo, na falta de figuras negras centrais na mídia brasileira, o que é percebido, entre outros meios, nos números impressos da *Capricho*, já que as aparições de jovens negras são mínimas e, nas raras vezes em que elas aparecem, são geralmente aquelas que possuem uma estética que se assemelha mais ao padrão de beleza aceito socialmente – branco e eurocêntrico -, ou seja, neste momento do recorte, as mulheres negras que aparecem na revista são aquelas de pele mais clara e cabelos lisos ou ondulados (considerados “controlados”), culminando no apagamento e silenciamento da pele negra e do cabelo crespo. Aquilo que não se encaixa no ideal de beleza criado pela revista é excluído e tratado como algo que é imperativo de mudança para se encaixar. No entanto, ao fazer isso, a revista não considera as pluralidades que compõem o público *real* da *Capricho*, contemplando os recortes de classe e de raça, e evidencia o descompasso entre o grande público leitor e o interlocutor idealizado pela revista.

Esses traços racistas e elitistas, que padronizam o que é a beleza, indiciam quem é o interlocutor dos números impressos da revista: adolescentes, brancas, pertencentes às classes economicamente privilegiadas e que não são afetadas pela desigualdade social e, logo, não têm contato com uma realidade brasileira. Quando se discute questões sociais, elas são representadas de forma romantizadas e não críticas, privando a menina de um contato com um mundo material, que é palco dos embates socioculturais; isso é visto, por exemplo, na matéria “*Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas*”, a respeito das

manifestações sobre o preço da passagem de ônibus na cidade de São Paulo, em 2013, na qual vemos uma discussão baseada na dualidade bem *versus* mal.

É a esses leitores que a revista constrói o seu projeto de dizer e é a eles que enuncia, fato que justifica a exclusão de tudo que não pertence ao horizonte social deste interlocutor ideal. Por causa desse não lugar, as poucas vezes em que são discutidas questões de outras realidades sociais, os sujeitos dessas histórias são retratados como *o outro*, “o de fora”, o que vemos nas matérias “*A incrível história da garota que vive em uma comunidade quilombola*” e “*Morar no morro não me impediu de sonhar*”. Ao ressaltar essa diferença, a revista explicitamente distancia seu interlocutor ideal do grande público, separando o que faz parte da *Capricho* e o que não faz. Podemos afirmar, então, que, nas revistas impressas, há a reprodução de discursos racistas, que contribuem para a construção estereotipada e marginalizada da identidade da jovem negra, contribuindo para sua não representação.

Quando consideramos o site, porém, há um processo de inclusão e de representação da negritude e da jovem negra, que ocorre de modo ambivalente. A princípio, os discursos eurocêntricos sobre a beleza são mantidos, reafirmando o padrão de beleza aceito socialmente e quem é o público previsto, ao mesmo tempo que tentam incluir o que vem de fora – a jovem negra, como vemos em “*Maquiagem para quem tem pele morena e negra*”, em que há justificativa, ao longo do texto, do motivo pelo qual essa publicação foi feita, sendo ele, de acordo com a revista, os pedidos por parte do público. Entretanto, no final da matéria, há uma nota explicando mais uma vez a publicação e que, apesar de se dirigir a jovens de pele morena ou negra, as leitoras brancas podem utilizar as dicas dadas, basta apenas adaptá-las; o que mostra uma tentativa de reforçar quem é, de fato, o interlocutor priorizado pela *Capricho*. Novamente, ao se assinalar a diferença, os esforços por incluir a jovem negra são em vão, pois servem apenas para evidenciar a discrepância existente entre o grande o público leitor e a interlocutora ideal.

Já nas outras publicações sobre maquiagem e cabelo, aparenta haver uma inclusão total da jovem negra no imaginário construído pela *Capricho*, pois, neste momento, a jovem negra e suas características não são mais tratadas como se fossem o *de fora*. Vemos isso na inclusão de dicas de maquiagens para pele negra e dicas de cuidados e penteados para cabelo crespo – mostrando a ressignificação dos signos *cabelo crespo* e *pele negra*, apontados anteriormente, aos quais são associados valores positivos de beleza, sofisticação e estilo. As relações dialógicas se dão entre os enunciados da *Capricho* em seus diferentes momentos: enquanto nas revistas impressas havia o resquício de discursos racistas, aqui há ecos dos discursos antirracistas, que buscam romper com o racismo e com a marginalização do negro e

da negritude. Logo, há um embate ideológico da *Capricho* consigo mesma. Seria ingênuo acreditar que essas alterações na representação são motivadas apenas por princípios morais e éticos de se desconstruir uma mentalidade racista, quando se há as exigências de um mercado crescente que é composto por mais da metade da população brasileira. Ignorá-las é, além de uma perda financeira, ir na contramão das reivindicações de determinados grupos, como, neste caso, os movimentos negros, por exemplo, e das políticas públicas criadas nos últimos anos. Soma-se a isso, o fato de que as redes sociais, atualmente, tornaram-se os locais em que as lutas ocorrem e possibilitam, devido ao seu alcance, as manifestações por meio de campanhas e boicotes.

Ademais, isso e a abordagem de temáticas sociais por um viés politizado indicam que houve uma ampliação do público da *Capricho* no *site*. Esses indícios apontam para a diversificação dos leitores, que teriam diferentes bagagens socioculturais e condições econômicas. Apesar dessa ampliação da ideia do interlocutor, a *Capricho* ainda mantém traços de sua identidade, tais como as temáticas de moda, beleza, entretenimento – que são atravessados pela politização, no *site* -, e a feminilidade, transmitida pela cor rosa (presente tanto na versão impressa quanto na digital). Todavia, em determinadas ocorrências, ainda há uma tentativa de separar o que é a voz da *Capricho* e o que é a voz do outro – a jovem negra, - gerando um distanciamento entre a empresa jornalística e o seu leitor. Tal fato aponta, mais uma vez, para um movimento de ambivalência no que diz à presença da jovem negra na *Capricho*.

É inegável que essa aparente mudança no que diz respeito à inclusão (ou não) da jovem negra na *Capricho* exerce forte influência no modo como ela aborda temáticas relacionados a esse público. Um detalhe interessante é que isso se reflete até mesmo no modo como aspectos oriundos da cultura negra, como o estilo musical *rap*, são discutidos na revista e no *site*. Entretanto, essa questão cultural, por permitir uma rica discussão e análise, ficará como objeto de estudo de um próximo trabalho.

Segundo bell hooks, a construção de uma identidade descolonizada é fundamental para que o negro tenha a capacidade de construir uma imagem diferente de si, que seja libertadora dos padrões hegemônicos, perpetuados por uma supremacia branca. Para a autora, a representação é o lugar da luta, da resistência e da resignificação, entretanto, a fim de que essa reconstrução de identidade seja legítima, é mais do que imprescindível que os paradigmas sociais também se alterem. Por isso, a subversão das imagens construídas da negritude somente será válida se for atrelada a medidas antirracistas. Posição semelhante vemos na obra de Sílvia Almeida, segundo o qual a solução para se combater o racismo

seriam práticas antirracistas, pois, ao tratá-lo como uma questão superficial e ao não se oferecer soluções ativas, haveria apenas a reprodução do racismo. Para ele, então, a representatividade é necessária, entretanto ela é uma parte da solução do problema, visto que de nada adiantaria ter a presença de negros em posição de poder ou em publicidades, por exemplo, se ela fosse atravessada pelo racismo estrutural da mesma forma. Então, apesar dessas alterações ocorridas nas plataformas da *Capricho*, ao longo dos anos, a respeito da representação da jovem negra e da diversificação em seu público, embora tenham sido “positivas”, de nada adiantarão se não houver uma prática social antirracista. Desse modo, a representatividade será só uma performance mercadológica sem a real identificação da *Capricho* – e dos demais veículos midiáticos, de modo geral – com os discursos a respeito da desigualdade racial.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. p. 20-57. (Feminismos plurais). Coordenação Djamila Ribeiro.
- ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo - a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista Usp**, São Paulo, n. 69, p. 72-79, março/maio 2006.
- ARAÚJO, Joel Zito. A estética do racismo. In: RAMOS, Silvia (org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. p. 66 – 71
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 471 p.
- BANAJI, Shakuntala. Racismo e orientalismo: o papel da mídia. In: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 37 – 49
- BBC News. **Cartunista publica charge contra Serena Williams e é acusado de racismo**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-45482534>. Acesso em: 15 jul. 2023.
- BERNADINO, Janaina. **Nós, jovens negros precisamos usar nossa**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/sociedade/nos-jovens-negros-precisamos-usar-a-nossa-voz-na-politica>. Acesso em: 10 maio 2023.
- BIAJOTI, Maria Teresa Silva. A presença do leitor na revista capricho: uma análise dialógica. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.
- BRAIT, B. **Bakhtin: OUTROS conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.
- BRAIT, B. A Palavra mandioca do verbal ao visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.142-160, 1º sem. 2009
- BRAIT, B.. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 2, n. 8, p.43-66, Jul/Dez de 2013
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 10.638, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2010.

BRASIL. Daniel Cerqueira. Ministério da Economia. **Atlas da violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BUITONI, Dulcília Schroeder. A mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CASTRO, Ana Carolina. A incrível história....: da garota que vive em uma comunidade quilombola. **Capricho**, São Paulo, n. 1145, p. 75, mar. 2012

CAPITULINO, Gisely. Estatuto da Igualdade Racial: O que diz e qual é sua importância? 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/estatuto-da-igualdade-racial/>. Acesso em: 25 set. 2022.

CAPRICHIO. **70% das mulheres negras estão insatisfeitas com maquiagem à venda no setor**. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/70-das-mulheres-negras-estao-insatisfeitas-com-maquiagem-a-venda-no-setor/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CAPRICHIO. **Blog da Galera: como é ser uma modelo negra na indústria da moda?** 2019. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/blog-da-galera-como-e-ser-uma-modelo-negra-na-industria-da-moda>. Acesso em: 10 maio 2023.

CAPRICHIO. **Maquiagem para quem tem pele morena e negra**. 2015. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/maquiagem-para-quem-tem-pele-morena-e-negra/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CAPRICHIO. **Racismo: “Era chamada de cabelo duro, cabelo de bombril”**. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/racismo-era-chamada-de-cabelo-duro-cabelo-de-bombril-diz-erika-januza/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1165, dez. 2012.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1182, out. 2012.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1171, mar. 2013.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1178, jun. 2013.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1179, jul. 2013.

CAPRICHO. São Paulo: Abril n. 1181, ago. 2013.

CAPRICHO. São Paulo: Abril, n. 1182, ago. 2013.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-552, jan. 1995.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** 2001. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> . Acesso em: 14 mar. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011. 190 p.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 5. ed. São Paulo: Editora Conceito, 2005. p. 201-219.

CHASSOT, Sophia Seibel. O projeto gráfico de revistas: uma análise de dez anos da revista Capricho. 2006. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CONCEIÇÃO, Eliane Barbosa da. Superando as desigualdades raciais: uma análise das principais políticas públicas. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 15, nº 56, p. 85 – 108, 2010.

COSTA, L. M.; SOUSA, R. L. N. O outro do outro: Serena Williams e a construção da imagem da mulher negra na mídia. *Aturá: Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, Palmas, v. 3, n. 1, p. 87-102, jan./abr. 2019.

COUTINHO, Jessica. **"Afropaty": conheça o movimento que vai além do estilo entre as mulheres negras.** 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/moda-e-beleza/afropaty-conheca-o-movimento-que-vai-alem-do-estilo-entre-as-mulheres-negras-1122>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERNANDES, Pablo Moreno. “É a representação da miscigenação, parem de problematizar”: o racismo na circulação midiática da campanha de natal Chester Perdigão. In: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 133- 149.

FERREIRA, Olivaldo da Silva Marques. Subjetividades em construção: análise bakhtiniana da seção “terapia de grupo” (revista “capricho”). Revista Sell. Uberaba, v. 5, n. 3, p. 1-20, jun. 2015

FERREIRA, Olivaldo da Silva Marques. Sujeitos de papel: um estudo bakhtiniano acerca da construção da subjetividade promovida pela revista Capricho. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação *strictu senso* em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

G1. **O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghtml>. Acesso em: 12 fev. 2023.

GERALDI, J. W. (org.). Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org.) . **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

GIMENEZ, Izabel. **Maquiagem pele negra: veja dicas de experts sobre o assunto.** 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/maquiagem-para-pele-negra-veja-as-dicas-de-experts-sobre-o-assunto>. Acesso em: 7 jun. 2020.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20Lélia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

GRILLO, S. V. de C. Dimensão verbo-visual de enunciados de Scientific. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.8-22, 2º sem. 2009.

GRILLO, S. V. de C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 2, p.235-246, 2012.

GUIMARÃES, Paula Pontes. Falta de Capricho: uma análise sobre o discurso da revista teen. 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18240/1/2017_PaulaPontesGuimaraes.pdf. Acesso em: 27 set. 2022.

GURGEL, Raquel Torres. A mulher de Capricho: uma análise do perfil das leitoras através dos tempos. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 94-106, jun. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49263/53345>. Acesso em: 31 out. 2022.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. 352 p.

HIRATA, Giselle. Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas. *Capricho*, São Paulo, n. 1178, p. 77, jun. 2013.

KNOWLES, Beyoncé. **Brown skin girl**. Nova Iorque: Parkwood, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRFS0MYTC1I>. Acesso em: 10 maio 2023.

LARA, Marina T. A. O gênero “meme” em posts de blog educacional: lendo enunciados verbo-visuais com Bakhtin e o Círculo. *Letras em revista*, [s.l.], v. 8, n. 01, fev. 2018. ISSN 2318-1788. Disponível em: <https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/29>. acesso em: 10 maio 2023.

MACHADO, Flávia Sílvia. A divulgação científica e o enunciado digital. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 93-110, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457323524>.

MAIA, C. P.; SILVA, R. J da. Sexo e as Negras: Empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia. *Cadernos de Gênero e Diversidade*. [S.l.], v. 2, n. 1, 2016. DOI: 10.9971/cgd.v2i1.16736. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/16763>. Acesso em: 10 maio 2023.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-132.

MARTINELLI, Andréa. **O que você não pode esquecer na hora de votar no 2º turno: Pode levar o celular? Devo ir com adesivo de candidato? Para quais cargos vou votar?** 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/eleicao2022/o-que-voce-nao-pode-esquecer-na-hora-de-votar-no-2o-turno>. Acesso em: 10 maio 2023

MARTINS, Renata. **Mercado de maquiagens ainda negligencia consumidores de pele negra**. 2020. Disponível em: <https://www.brazilbeautynews.com/mercado-de-maquiagens-ainda->

Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil.**

Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 09 maio 2023

OTTO, Isabela. **Branco, não anule a luta antirracista falando que todas as vidas importam:** nem neutralize o racismo dizendo que "é algo natural" ou que "a maioria dos crimes é cometido por pessoas negras", porque não é verdade. Nem neutralize o racismo dizendo que "é algo natural" ou que "a maioria dos crimes é cometido por pessoas negras", porque não é verdade. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/branco-nao-anule-a-luta-antirracista-falando-que-todas-as-vidas-importam/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

OTTO, Isabella. **Conheça o Pipeline, primeira montanha-russa “em pé” de surf de Orlando.** 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/conheca-a-pipeline-primeira-montanha-russa-em-pe-de-surf-de-orlando/>. Acesso em: 30 out. 2022.

OTTO, Isabela. **Não existe amanhã se o foco do hoje não for a natureza e a justiça social.** 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/nao-existe-amanha-se-o-foco-do-hoje-nao-for-a-natureza-e-a-justica-social/>. Acesso em: 30 out. 2022.

PAULA, L., LUCIANO, J.A.R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'água*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set./dez. 2020.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. In: *Revista Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020a. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691/1713>. Acesso em: 12 nov 2022.

PAULA, Luciane, SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017.

PARCA, Giulia. Recupere seu cabelo. **Capricho**, São Paulo, n. 1192, p. 31-37, jan. 2014.

PINHEIRO, A. C., ERY, M. **5 maneiras de lutar contra o racismo (mesmo que você não sofra com ele).** 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-maneiras-de-lutar-contra-o-racismo-mesmo-que-voce-nao-sofra-com-ele/>. Acesso em: 30 out. 2022.

PORTAL da Capricho alcança mais de oito milhões de acessos em setembro com cerca de 46 mil de visualizações por matéria publicada. 2017. Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/portal-da-capricho-alcanca-mais-de-oito-milhoes-de-acessos-em-setembro-com-cerca-de-46/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RAMOS, Silvia (org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. 175 p.

RIBEIRO, Claudia de Castro. **Revista Capricho – História, fim da publicação e curiosidades**. 2020. Disponível em: <https://areademulher.r7.com/curiosidades/revista-capricho/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Global Editoras, 2013. 362 p.

RIBEIRO, Inaê. **Precisamos falar sobre pessoas negras vivendo com luxo**. 2021. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/precisamos-falar-sobre-pessoas-negras-vivendo-com-luxo/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SANTANA, B. da P.; DA SILVA, E. M.; ANGELIM, Y. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 52–66, 2019. DOI: 10.23925/ls.v22i40.46651. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/46651>. Acesso em: 10 maio 2023

Seu cabelo vai fazer você brilhar. **Capricho**, São Paulo, n. 1145, mar. 2012.

SILVA, Juliana Ferreira e; SÍMARO, Sandra Maria. **Revista Capricho: um estudo sobre a influência do suporte computador no suporte revista impressa**. 2007. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Centro Universitário de Franca, Franca, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Larissa Lorryne Staron de; AGUSTONI, Marina. Ao Capricho da Leitora. In: INTERCOM JÚNIOR 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 19., 2014, Vila Velha. Anais [...]. Cachoeira Paulista, 2014. p. 1-11. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1153-1.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

TOTAL de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. 400 p. Organização, tradução, ensaios introdutórios e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? (1930). In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 234-265. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 266-305. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

VOLOCHINOV, V. N. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problema fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 201-226. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.